RÚSSIA, CHINA, EUA: A POSSIBILIDADE DE UMA ILHA

*Por Julien Aubert**



Diario de Levante.

Em vez de zombar de modelos geopolíticos (ainda relevantes), seria melhor se preocupar com o autoritarismo florescente apoiado por um Ocidente moralmente corrupto.

Recentemente, o *Le Figaro* se comoveu com as "extravagantes e perturbadoras teorias geopolíticas de Nikolai Patrushev", secretário do Conselho de Segurança da Rússia, órgão consultivo colocado junto a Vladimir Putin. Apresentado como "influente", Patrushev concedeu uma longa entrevista ao jornal russo *Izvestia*. Aliás, a entrevista merece um pouco mais de consideração, pois revela a percepção russa sobre a evolução do sistema internacional. Seria preguiçoso reduzi-la a uma simples digressão, como fazia o poder soviético, fazendo parecer loucos os seus adversários políticos: o louco está desacreditado, não negociamos com ele.

A nível geopolítico, Patrushev explica que a expansão da OTAN para Leste vai no mesmo sentido de "Napoleão, Kaiser Wilhelm e Hitler", citando várias vezes o geógrafo britânico Halford John Mackinder [1] (1861-1947), pai da geopolítica conhecido por sua teoria da "Heartland". Às vezes ridicularizada por seu determinismo, sua falta de consideração de parâmetros demográficos ou políticos e seu esquematismo, essa teoria nasceu em 1904 como "o pivô geográfico da história" e foi então aguçada em "Ideais democráticos e realidade" (1919) sob o nome de "teoria Heartland". Uma ideia fundamental percorrerá toda a obra de

[1] *Halford John Mackinder foi um geógrafo, acadêmico e político inglês, considerado um dos fundadores da geopolítica e da geoestratégia.*

Mackinder: a do confronto permanente entre o "Coração Continental" (Heartland) e a "Ilha Mundo" (World Island). O objetivo do geógrafo era desacreditar as análises pacifistas e idealistas que dominaram o imediato pós-guerra.

O modelo de Mackinder deriva de uma visão muito ampla da história estratégica global. O coração continental (ou terra pivô, termo utilizado nos primeiros textos do geógrafo) é identificado de forma mais ou menos vaga segundo os escritos, mas corresponde à Ásia Central, e ainda mais precisamente à Rússia, circundada por uma geleira protetora (Sibéria, Himalaia, Gobi), em torno do qual estão as terras costeiras (Europa Ocidental, Oriente Médio, Sudeste Asiático), depois o anel externo ou sistemas insulares (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Japão, Oceania). É de lá que os cavaleiros – em particular os mongóis – partiram, ele observa, para conquistar a Europa e a Ásia. O diagnóstico histórico de Mackinder está correto, pois um dos motivos do desaparecimento da China como potência mundial foi, de fato, o abandono de uma talassopolítica[2] em 1431, sob a influência da ameaça mongol. Por outro lado, Portugal, depois a Espanha e depois a Grã-Bretanha colonizaram o mundo.

Mackinder argumentou que o estado que pudesse controlar o território europeu entre a Alemanha e a Sibéria central poderia dominar o mundo, seguindo três princípios:

- Quem governa a Europa Oriental controla o coração continental/o fulcro/a terra central;
- Quem dirige o pivô controla a ilha-mundo (Eurásia e África);
- Quem governa a Eurásia governa o mundo. É por isso que a análise de Mackinder mostra o perigo representado pela Rússia, muito antes de se tornar a URSS. Vale lembrar que uma das razões implícitas para a entrada na guerra da Alemanha do Kaiser era consolidar a supremacia alemã, enquanto a pujante economia russa já ameaçava a competitividade das empresas alemãs. Por seu lado, a teoria de Mackinder foi interpretada como racionalizando e justificando a política britânica de equilíbrio de poderes, em particular o fato de impedir uma hegemonia alemã ou russa.

Onde as referências de Patrushev talvez sejam questionáveis é que inicialmente Mackinder havia construído essa teoria para demonstrar que a dominação do mar iria terminar, fechando a era das descobertas marítimas iniciadas no século XV, que viram o equilíbrio de poder mudar em favor de as potências navais. Patrushev deveria ter citado o americano Alfred Mahan[3], professor de história em West Point, que definiu em 1897 uma doutrina que queria ver endossada por seu país. Esta última, tendo-se tornado uma grande potência industrial, realizada a nível continental, construiu em termos de domínio dos mares.

Em *The interest of America in Sea Power ("O interesse da América no Poder Naval", em tradução livre)*, Mahan argumentou que quem protege as frotas mercantes tem

[2] Talassopolítica é um termo empregado em diversos contextos relacionados às decisões de estados sobre os mares, geralmente, relacionado às ideias de Mahan e Spykman.

[3] Alfred Thayer Mahan foi um oficial da marinha dos Estados Unidos que se notabilizou como geoestrategista.

uma vantagem decisiva. Ele recomendou que a América unisse forças com o poder naval britânico no controle dos mares, contivesse a Alemanha em seu papel continental (como a Grã-Bretanha já havia contido Napoleão) e estabelecesse uma defesa coordenada entre europeus e americanos para conter as ambições asiáticas.

Mahan e Mackinder se opõem porque o americano prevê a dominação mundial dos Estados Unidos graças ao domínio estratégico do mar, tendo a doutrina Monroe feito deste último uma ilha no nível geopolítico. No entanto, no fundo, as grades analíticas juntam-se num eterno balanço entre a baleia e o urso, aquele que domina o mar e aquele que domina a terra, um problema tão antigo como a Guerra do Peloponeso. Para ser completamente exaustivo, em 1943, a versão final da teoria revisada e corrigida de Mackinder lançou dúvidas sobre o domínio estratégico das potências navais.

Ao contrário do que sugere o *Le Figaro*, seria, no entanto, errado reduzir a grade analítica iniciada por Mackinder a devaneios, a uma teoria geopolítica "extravagante". Aliás, sou daqueles que consideram que esta grade de análise – verdadeira ou falsa, não é isso – tem tido repercussões na forma como os atores políticos têm analisado o sistema internacional.

Assim, todo o medo de Mackinder era sobre uma aliança hipotética entre a Rússia e a Prússia que criaria a Ilha Mundial. Isso é exatamente o que em 1935, o general alemão e professor de geopolítica Karl Haushofer, leitor de Mackinder, havia defendido, na forma de uma aliança entre a Alemanha e o Japão. Este pacto anti-Comintern era a tradução da união eurasiana tão temida por Mackinder: a aliança de uma potência terrestre e de uma potência marítima que permitiria contrariar as inclinações de conquista do Império Britânico e dos Estados Unidos. Contra a vontade de Hitler, Haushofer chegou a sugerir em várias ocasiões uma reaproximação mais global entre japoneses, chineses, russos e alemães, de modo a se opor às talassocracias anglo-saxônicas.

Para apoiar seu argumento, Haushofer adotou os argumentos de Mackinder, mas inverteu seu raciocínio. O mundo seria organizado em torno de quatro grandes zonas: uma zona pan-europeia, incluindo a África, e da qual a Alemanha teria a liderança; uma zona pan-americana, dominada pelos Estados Unidos; uma zona pan-russa, incluindo a Ásia Central e o subcontinente indiano; uma zona pan-asiática, dominada pelo Japão. O Pacto Molotov-Ribbentrop de 1939 materializou por pouco tempo essa estratégia – novamente inspirada em Haushofer – e foi sem dúvida a sua ruptura que acelerou a derrota do Terceiro Reich. Lembremos que Haushofer foi preso em 1941 por ter manifestado seu desacordo com a abertura das hostilidades no front russo.

Por outro lado, a teoria das zonas de Haushofer é reminiscente – mal modificada para se adaptar aos vencedores – dos "quatro policiais" de Franklin Delano Roosevelt em 1945: Os "quatro policiais" foi um conceito proposto pelo presidente americano para salvaguardar a paz mundial, com um policial por área de influência (o Reino Unido em seu Império e na Europa Ocidental, a URSS na Europa Oriental e Eurásia, a China na Ásia-Pacífico e os Estados Unidos no Hemisfério Ocidental). É com base nisso que os membros permanentes do Conselho de

Segurança das Nações Unidas foram ratificados, sendo a única modificação a França, que conseguiu colocar o pé na porta *in extremis* e assim ganhar seu guardanapo na mesa dos vencedores.

Patrushev deveria antes de tudo ter apontado para a Escola Americana de Geopolítica, liderada pelo jornalista Nicholas Spykman, de 1938. Criticando a teoria do pivô de Mackinder das alianças Reino Unido/Rússia de 1914-1918, depois EUA/URSS de 1939-1945, mas também Haushofer (fracasso da aliança russo-germânica, análise muito determinista), ela deu origem a uma teoria alternativa: existiria um "Rimland" (correspondente ao espaço entre o Heartland e os mares limítrofes) capaz de neutralizar o poder do "Heartland": é aqui que se trava a luta entre o poder continental e o poder marítimo. Rim refere-se ao aro de uma roda em inglês.

A tese Rimland-Heartland, que faz parte da tradição da *realpolitik* americana personificada por Theodore Roosevelt, serviu como base conceitual para a política americana do pós-guerra em um esforço para selar o controle sobre Rimland. Todas as alianças concluídas após a Segunda Guerra Mundial pelos Estados Unidos (NATO, SEATO, Pacto de Bagdá) visavam cercar a Rússia, controlar o Rimland para dominar o Heartland (a URSS). Os EUA retomaram a tradição do estado insular ao tentar erguer uma barreira à expansão do estado terrestre dominante, no centro da Alemanha e no meio da Coreia. Spykman teorizou mais ou menos a contenção de Truman.

Os realistas americanos, Kissinger e especialmente Brzezinski ou Kaplan, então defenderam que a política externa americana se concentrasse nos estados do Rimland: Ucrânia, Kosovo, Turquia, Ásia Central (Afeganistão), Irã e China. Os presidentes "realistas", republicanos ou democratas, seguiram essa estratégia, que levou a uma aliança profana com a China em 1972 para enfraquecer a URSS; tornar o Kosovo independente em 1999 para grande desgosto da Sérvia, tradicional aliada da Rússia; apoiar a Revolução Laranja de 2004 em Kiev; trazer (1951), mas acima de tudo manter a Turquia na OTAN, apesar da óbvia reorientação problemática de Erdogan; ocupar militarmente o Afeganistão durante vinte anos (2001-2021), muito depois da queda oficial do regime talibã; e, finalmente, construir um regime de sanções extremamente severo para o Irã, contando com o Iraque e a Arábia Saudita. Não é de surpreender que a Rússia, como um estado sem litoral, tenha desenvolvido um "complexo obsessivo", como se o país se sentisse "cercado".

Donald Trump, apesar de seu estilo caótico, reinventou essa grade terra/mar concentrando seus esforços não na Rússia, mas na China, que ele (corretamente) acreditava ser o verdadeiro desafiante de Washington. Confessando sua admiração pelo chefe de Estado russo, Trump tentou reatar as relações com Moscou, ao mesmo tempo em que se desvinculou da Europa e investiu no Pacífico. Ao fazê-lo, ele deu razão à análise do geógrafo francês Élisée Reclus[4] que em 1904, no mesmo ano de Mackinder, havia delineado a tomada da região central terrestre por uma nova potência em substituição à Rússia. Reclus considerou que se os

[4] *Jean Jacques Élisée Reclus foi um geógrafo e anarquista francês. Foi membro da Comuna de Paris e da Primeira Internacional dos Trabalhadores.*

chineses conseguissem derrubar o Império Russo e ocupar seu território, seria um perigo muito maior porque acrescentaria aos recursos do grande continente uma vantagem da qual Moscou é privada: uma fachada oceânica. A vassalagem a um estado russo por Pequim levaria às mesmas consequências.

A China, perante a cadeia de alianças americanas que vai da Coreia do Norte à Austrália, também desenvolve o mesmo complexo de obsessão, mas ao contrário da Rússia, a sua posição no Rimland permite-lhe jogar a cartada marítima, condição para furar o cordão sanitário que a mantém dentro da gaiola. Após a derrota de Trump, um breve momento de relaxamento nas relações russo-americanas, é ainda menos surpreendente que essas duas fortalezas sitiadas tenham voltado a convergir. Já em setembro de 2015, a *Foreign Affairs* já havia falado do "eixo vermelho" para designar a reaproximação sino-russa. Esta tornou-se a espinha dorsal da Organização de Cooperação de Xangai, que visa reunir todas as potências continentais, particularmente a Índia e o Paquistão.

Em vez de zombar desses modelos analíticos, talvez esquemáticos, mas ainda relevantes, seria melhor se preocupar com comentários russos responsáveis, seja de Putin ou de Patrushev, sobre um neonazismo que teria florescido na Ucrânia, mas também "para o mundo", apoiado por um Ocidente moralmente corrupto. Isso significa – talvez – que os russos não veem a guerra na Ucrânia apenas como um episódio de reequilíbrio entre terra e mar, numa abordagem puramente geopolítica, mas também com um prisma ideológico maniqueísta, uma espécie de guerra de civilizações.

Isso lembra o grande adversário do realismo moderno, o neoconservadorismo. Ele apresenta sua política externa em uma grade moral, falando do eixo do mal. No entanto, essa ideologia, misturando ideais esquerdistas não comunistas e métodos brutais, desviou Washington desses países-chave, arrastando George Bush Junior para o pântano do Oriente Médio e especialmente para o Iraque. Nada seria mais perigoso para a estabilidade mundial do que uma guerra "até a morte", desejada por um dos protagonistas.

Publicado no Le Dialogue.

***Julien Aubert** é ex-deputado francês, vice-presidente dos republicanos e presidente do Oser la France, movimento de inspiração gaullista.*